



A caminho do mercado.

Mulher do lugar do Couto, arredores das Caldas da Rainha.

(Cliché do dist. phot. am. Alfredo Pinto (Secsvem).)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias*—Um anno, 4\$800.

Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,  
acresce o importe das despesas.

*Extrangeiro* — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

# Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte-Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Pontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario. —2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de maestia actual, ou habitual (palavras textuaes). —3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incursivo em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochia de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejaram consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 por cento nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no retiro do jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



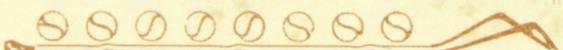
## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

*Casa do Cantinho*



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

**BRAGA**

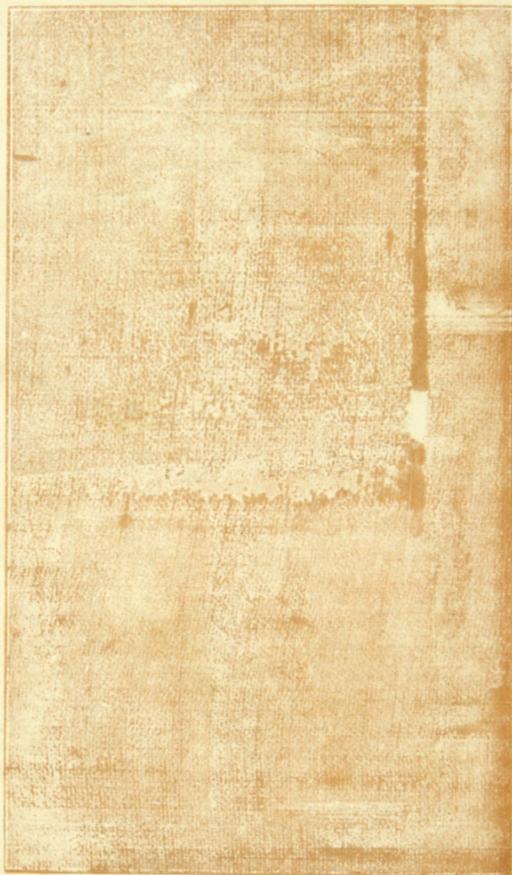
**Fundado em 1856**

DIRECTOR

**Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga**

Admitte alumnos internos, externos  
para o curso dos Lyceus, Commercial e  
Instrucção Primaria..

Vago



**FOTOGRAFIA ALLIANÇA**

44. Praça Alexandre Herculano, 45

**BRAGA**

# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

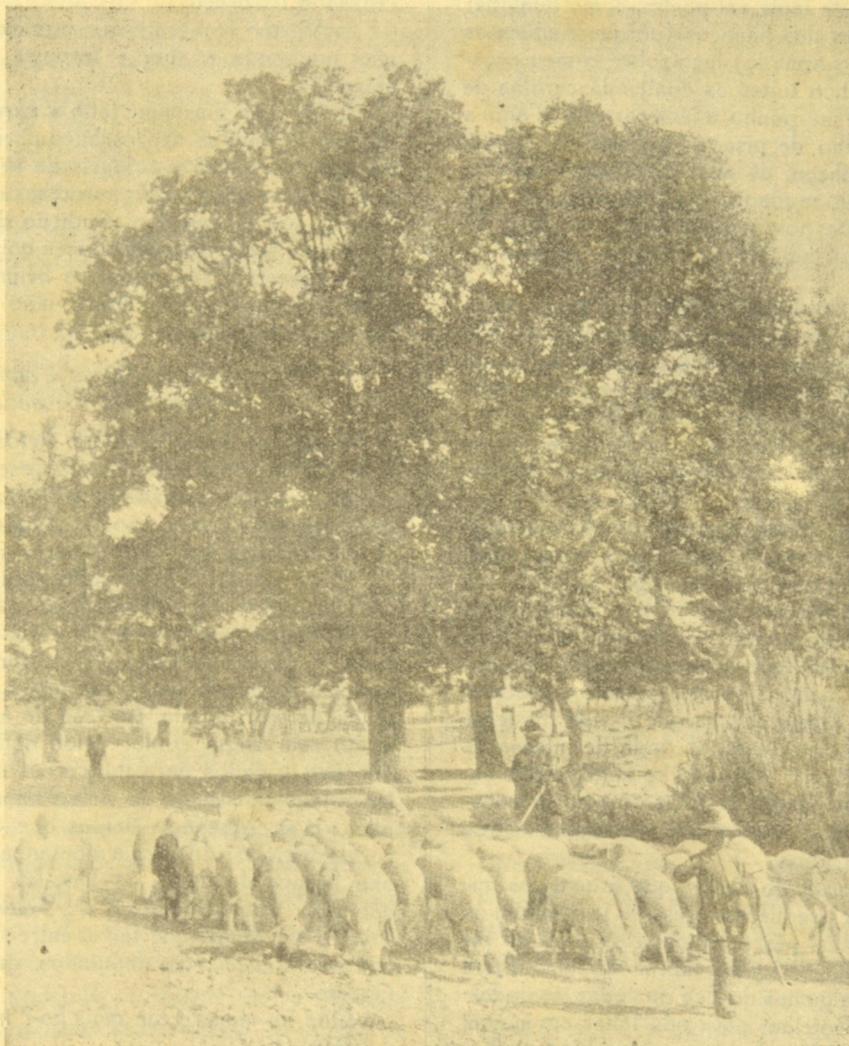
Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Veloso  
EDITOR E ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 13 de Julho de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 263—Anno VI



O REBANHO

(Quadro de M. Sam.)



Calor, calor, calor! ...



NÃO sei que fundamento scientifico possa ter o raciocinio ha dias feilo por um *suelista* de gazêta; dizia elle que o calor é economico visto que... dilata os corpos! D'aqui, concluía o cidadão que sob estas calmas de julho, podemos todos comer menos porque fatalmente o calor nos cria enxundias.

Com respeito a comer pouco para viver n'um *El-dorado*, só conhecia, até agora, dois caminhos: o do vegetarianismo, frugivorismo e outros regimens de herba e agua fria, e o de ser deputado a constituíntes no verão, que é a coisa mais efficazmente radical para tirar o appetite a um christão.

Quando, de lapis em punho, como qualquer Xavier Esteves das finanças (porque tambem os ha de cimento armado) faço sobre o meu orçamento domestico todas as contas da cartilha de arithmética, e me ponho a lembrar que, d'aqui a oito dias, tenho de pisar o asphalto da *Lysbia amada*, reconheço, de mim para mim, mas com uma profunda saudade pelo *sub tegmine fagi* virgiliano, que posso, pela parte que toca no meu estomago, alliviar os pratos do jantar e do almoço!

O leitor desculpará a nenhuma semcerimonia, com que lhe fallo, pelos sagrados direitos do povo soberano e da não menos soberana representação dos cidadãos que tiveram o deliado e penhorante mau gosto de me elegêr; mas tenham paciencia, neste recanto da revista *ego sum qui sum*... e devo confessar que me cavalgaram!

Hoje, pela manhã, abri um jornal de Lisboa. As primeiras palavras sobre que meus olhos cahiram foram estas: — *em fogo*. Logo depois est'outras me fizeram suar como dizem que o faz a febre *hespanhola*: — «Sobre Lisboa peza a garra collossal, ignea, do calor». Não tive coragem para mais. Dobrei o jornal, e procurei um refresco. Dizem alguns que a vida moderna é prosaica. Enganam-se. E' toda de intensa vibração espiritual! Só assim se explica esta sugestão que me assalta de calor, só com uma descripção da temperatura que os thermómetros marcam em Lisboa...

Os *Cefeiros*, do Fialho, que é uma das minhas leituras predilectas, resolvi já guardal-os para aquecer os pés e as mãos no pino do inverno. Aquellas paginas fazem tão mal n'este tempo como algumas do Eça ou todas as do fallecido Abel Botelho, para não fallar em muitos mais que por ahí sofraldam o impudor e a obscenidade, sem revolta do civilizado publico, se-

ja dicto. E quando lá do inferno, mesmo do cabo do inferno, ahí por fins d'este mez me surge o dr. Pulido Garcia, de Beja, a comprar cavallos, ou de passagem para a Galliza, eu, francamente, sinto-me humilhado e ao mesmo tempo receoso de tocar lhe, por temor d'alguma escaldadela! Vale-me apenas, em taes lances, o seu largo e bom abraço e o seu refrigerio da sua conversa brilhante, porque o dr. Pulido Garcia tem o raro predicado de ser um rijo e tenaz homem d'acção que falla tanto que já de uma vez, a elle, alemtejano de raça, lhe chamaram algarvio.

...Muito bem! Mas chegados aqui, o leitor pára, obriga-me a parar tambem, fita-me e cruzando os braços:

— V. não tem mais que nos dizer hoje se não que anda a suar e tressuar ha trez semanas?

Então caio em mim: falta a *ehronica*! Deço uns cinco minutos de descanso para contar pelos dedos os factos notaveis da semana — porque embora em maré de surpresas e na terra da falta de lógica, que é a condição d'ellas (assim eu tivesse tantas batatas no meu quintal) as coisas á *sensation* são como os beijinhos d'amor lá da cantiga: cabem n'uma mão fechada. O que nos salva é que

*O pouco com Deus é muito  
O muito sem Deus é nada!*

Ponho-me então a contar pelos dedos e a começar pelo meandinho da mão esquerda que é o mais pequenino. *Primeiro dedo*: não ha assucar. *Segundo dedo*: não ha batatas. *Terceiro dedo*: não ha arroz. *Quarto dedo*: não ha pão...

E fui por ahí fóra a recitar esta ladainha do *não ha*, a que um publico christão até á medulla dos ossos responderia em côro: *Valei-nos, Senhor*, em vez de fazer *grêves* por não ter trabalho a fazer, até que chegando ao dedo meandinho da mão direita, em face de não ser comodo nem limpo contar pelos dedos dos pés, não tive já dedos para marcar os acontecimentos refumbantissimos da nossa famosissima politica: o sr. Machado Santos que como o tenro cordeirinho ido para a montanha ou a cabrinha branca do conto de Doudet, e que de lá não veio, está amuado; o sr. Bessa que talvez saia; o sr. Xavier que talvez entre; as maiorias que se desunem; os deputados que escolhem logares...

Que ha mais? Que mais ha? inquire ainda o leitor.

F. V.

Por J. de Faria Machado.

Em viagem.

**V**IVEMOS numa epocha de dissolução. Vivemos positivamente horas amargas de despedida. As sociedades tendem a recompôr-se e voltam-se decididamente para o passado.

As democracias estrebucham n'uma orgia dissoluta de fausto, d'impudor, a orgia ebria, desvairada do fim... grita e em grandes gestos, meu companheiro de viagem, commentando assim as minhas impressões do bailarico thermal. Evidentemente avizinha-se o fim.

As sociedades vão depurar-se, purificar-se mesmo; os regimens voltam-se decididos para o conservantismo e, radiosa, epica de grandesa, sublime de piedade, a religião triumphante n'uma eclosão de fé. Não é um movimento isolado, não é um detalhe, um aspecto desgarrado este erguer d'almas que se elevam, convictas, como mãos devotas em supplica para Deus. E' a synthese d'uma epocha, d'um momento decisivo o trasvasar d'uma maré de desvarios onde boiou naufraga, perdida, uma historia de seculos, uma tradição, toda uma legião de principios que as taboas da fé salvaram, redimiram. Os homens, desvairados por doutrinas dissolventes, só aos homens entregaram os seus destinos, só dos homens confiaram e deram realidade, ficção, força, a essa torva balburdia social que os envolveu e perdeu. Philosophias daminhas como venenos subtis, corroeram as almas, geraram as democracias, talvez optimas na essencia, mas abominaveis na pratica, fulminaram o direito divino para erguer um direito de fêras—as leis cupidadas d'uma multidão empurrada pela ambição, alimentada pelo odio enxada, d'obedecer, faminta de imperar.

E assim se dissolveram principios, se esmagaram tradições, se cortou largo nos laços da familia, nos laços da comunidade portanto. Entre nós a larva d'esta demagogia sinistra que nos escravizou sete annos, e que, mascarada, agora, nos pretende escravisar—foi o constitucionalismo vintista. Os caceteiros do conde de Thomar são os sinistros ancestraes dos formi-

gas do sr. Affonso Costa, dos abrilistas do sr. Machado Santos, dos fanaticos do sr. Sidonio mesmo. Mas no dia em que os homens desridos dos homens sentiram o vacuo voltaram-se para Deus e Deus vae de novo triumphar guiando os destinos do mundo.

Roma voltará a ser Roma. Nos salões doirados do Vaticano já paira, contracta e solemne, a embaixada da Inglaterra protestante. A França demagoga, erguendo-se da catastrophe, já manda beijar o pé do delegado de Deus um dos seus ministros e até esta nossa republiquêta, recebendo solemne o Nuncio pontificio, mostra-se já no seu quarto d'hora de penitencia, que é sempre para as nações, como para os homens, o limiar do triumpho. E este movimento, que não é repercursão isolada da vontade d'esse homem, o reflexo d'um systema ou a consequencia d'uma escola mas muito simplesmente a eclosão d'uma epocha, d'um momento social, alastra—Deus louvado, por toda a parte, o regresso a Deus é o regresso ao direito e a justiça, em toda sua pureza, na mais ampla latitude do seu significado.

O meu companheiro tem rasão e pela primeira vez dois homens que viajam, através da vida e dos principios, jornadeando indifferentes por entre vinhedos e trigaes que brilham ao sol em chapadas d'ouro fulvo, tem em materia politica uma opinião igual e desvendam no horizonte da nacionalidade o mesmo destino, a mesma finalidade social.

Foi porisso talvez que ao despedir-nos na gare da cidade, por entre a multidão confusa, as nossas mãos se estenderam amigas, sinceras e esse desconhecido ficou sendo para mim mais do que um amigo—um irmão. E cada um em seu turno, rua acima, olhando o luxo das montres, o fausto nu das toilettes, a ligeireza dos costumes, passando, repassando, como onda dissoluta e vaga que tudo subverte, já não diriamos é o fim, é o fim, e que sobre aquella treva já raiava o nosso sol e as nossas almas repetiam emfim... emfim vamos principiar.

# SERÕES AMENOS

XLIII

DE FREY GIL DA SOLEDADE,  
EGRESSO DA FALPERRA.

## O nariz na Biblia

**T**ERMINAMOS a traducção do capítulo do P.<sup>o</sup> Menochio sobre o nariz:

«Talvez por isso nalgumas nações se estima em muito os de nariz comprido, ou aquilino, que os gregos chamam *grypos*, como os Persas, entre os quaes é celebrado Cyro por esta prenda, e é sentença commum dos que tratam de physionomia, que o nariz aquilino, que é maior do que o ordinario é indicio de sagacidade. Além de Cyro, já nomeado, teve nariz aquilino Antiocho, aquelle que por esta causa teve o cognome de *Accipiter*: o Açôr, e tambem S. Paulo, como inferimos do impio Luciano, que introduz um certo Triphon ensinando um catechumeno e fallando deste modo do Santo Apostolo: *Ensinar-te-hei o que é o universo e o que existiu antes de todas as cousas. Já que veio ter commigo aquelle Gallileu, de nariz aquilino, que foi elevado até ao terceiro ceu,—onde aprendeu as cousas melhores e mais bellas etc.*»

«Clemente Alexandrino tambem, no seu *Protreptico*, citando o philosopho de nome Jeronymo, diz que Hercules tinha o nariz grande. Nicolau de Susa, da nossa Companhia (de Jesus), fallando da santa Virgem, diz que nalgumas partes da India era opinião que o nariz comprido accrescentava muita belleza, e que por isso as parteiras ao receber as creanças, e as amas, procuravam com artificios que aos fentos meninos se alongasse o nariz o mais possivel. E a mesma industria se usava outr'ora em certa parte da Italia, onde tanto os homens, como as mmlheres mostravam a cabeça aguda na parte superior, effeito cuja causa alguns attribuiam ao facto de as parteiras, ao receberem as creanças... cuidadosamente procurarem dar ás cabeças das creancinhas aquella forma, porque segundo o costume que se praticava naquelle tempo quanto ao arranjo do cabello das mulheres, melhor resultado dava que fosse o rosto agudo, e não redondo.

«Quanto fica mal a pequenez do nariz parece provar-se pelo que diz Horacio na *Arte poetica*, onde, dando entre outros o preceito de que o poema deve ser acabado em todas as suas partes, e uniforme, diz que quando assim não seja, sendo uma parte perfeita e outra não, será semelhante a um rosto que tenha bellos olhos, bellas faces, bella cabelleira, mas nariz pequeno. Por essa falta occasiona-se tal desproporção que estraga a harmonia das outras partes, que concorriam a tornar aquelle rosto absolutamente bello:

...Hunc ergo me, si quid componere curem,  
Nom magis esse velim, quam parvo vivere naso,  
Spectandum nigris oculis, nigroque capillo.

Disse eu que parece se prova com este passo de Horacio, como de facto se prova, se a verdadeira lição é *parvo* (pequeno) e não *pravo* (torto).

«Justiniano, o segundo d'este nome, chamado pelos gregos *rhinotmetos* que quer dizer: o desnarigado, teve este sobrenome, porque um certo Lentio, nobre senador patricio, conjurado com outros, lhe cortou o nariz; e tão vivamente sentiu ver-se por injuria d'elles de tal modo disformado, que cada vez que queria limpar o nariz e o contacto do rosto lhe fazia recordar o seu infortunio, mandava matar um d'aquelles conjurados que tinha encarcerados. Tanto comprehendia a fealdade que lhe causava a falta do nariz!!!

«Nicephoro Callisto, na sua *Historia Sacra*, livro II cap. 23, seguindo nisto a S. Epiphanio, descreve o rosto da Virgem dizendo que tinha o nariz, e bem assim os dedos das mãos, algo longos, *nasus longior, digiti longiores*, e visto que, segundo o testemunho do mesmo Nicephoro, Nosso Senhor foi parecidissimo a sua bemdita mãe, poder-se ha dizer d'Elle tambem, que fosse de *naso longiore*.

«Do que fica dito se conclue, que a longura moderada do nariz accrescenta belleza e majestade ao rosto, e é tambem muito particular indicio de prudencia.»

Até aqui o P.<sup>o</sup> Menochio. Devo dizer que não pude consultar a *Historia Sacra* de Nicephoro. Camillo] Castello Branco (*Horas de Paz*, 1903, pag. 89 do vol. 2.<sup>o</sup>) transcreve a descripção do rosto de Jesus Christo, pelo patriarcha Nicephoro, de Constantinopla, sem dizer donde a transcreve, e não fraz nada especial ácerca do nariz: «A festa era espaçosa e o aspecto sereno, sem rugas nem nodoas. As faces eram docemente coloridas, e a bocca e o nariz perfeitos.» Talvez não seja ocioso notar, que o Nicephoro Callisto citado por Menochio, nada tem que ver com o patriarcha do mesmo nome citado por Camillo. Este floresceu nos seculos VIII e IX, e aquelle, cinco seculos<sup>3</sup> mais tarde, sendo cognominado o *Thrycydides* da Igreja. 'Doutro Nicephoro fallaremos ao tratar de barbas... Notarei ainda que o nosso classico Macedo, no *Eva e ave*, cita um trecho descriptivo de outro auctor, em que se lê que N. Senhora tinha o *nariz comprido em boa proporção*.

Quanto ao nariz de Nossa Senhora, recordo ainda ter lido que já houve quem lhe consagrasse um sermão, ou coisa parecida—mas li isso num livro<sup>3</sup> inglez que neste momento não posso consultar.

A que aberrações e futilidades baixou por vezes o sulpito! Com que chiste e brio os atacou o famigerado jesuita P.<sup>o</sup> Isla, no seu immortal *Frey Gerunio de Campazas!* Infelizmente, precisava-se outro agora; porque a duzentos annos do bom P.<sup>o</sup> Isla ouvi eu a um *gerundio*, num dos templos mais concorridos, e em festa solemmissima, encarecer as dôres da Santissima Virgem por ser mulher e porque as mulheres tem mais desenvolvido o ganglio do grão sympathico!!!

Perdoae-lhes, Senhor, porque não sabem o que dizem!



## Perseguido pela inundaçãõ



OS começos da estação chuvosa de 1893, escreve Arthur Turney, protagonista d'esta aventura, sahí de Nogales (Arizona) a cavallo, em di-



No primeiro dia da viagem tudo foi bem; pela noite descansei perfeitamente n'um acampamento conhecido e, na manhã seguinte, com um tempo esplendido, montei a cavallo para



Nossa Senhora do Carmo

recção a uma mina situada a duzentos kilometros a sudoeste do estado de Sonora (México) mas tomei o gaminho de Vadoseco, que era um pouco mais largo, para evitar a parte alta do rio Sonora que, por estar desbordado, tornava a viagem difficil e incômoda.



sando chegar de noite ao acampamento do general Pesqueira. A's quatro da tarde, porém, vi que estava chovendo copiosamente nos montes que se erguiam á minha direita e esporeei o cavallo para chegar mais depressa a um arroyo que atravessava amplo valle affirm de o não to-

par demasiado crescido. Ao chegar, encontrei-o com bastante agua, mas o meu cavallo atravessou-o com relativa facilidade porque as margens eram arenosas e estavam cortadas quasi perpendicularmente pela corrente. O peor é que seguindo o caminho que havia traçado, tinha que cruzar repetidas vezes a corrente, e ella cada vez trazia mais agua. Por fim cheguei a um ponto onde sahia para fóra das margens e inundava mais de um kilometro de terreno. Por sorte era de dia e distinguia o leito da torrente pelo rapido curso da agua; mas a noite fechou-se-me antes de pôr a vista na casa do general, e depois de calcular, mal, com certeza, onde se achava a torrente, resolvi acampar no primeiro lugar secco que encontrasse. Encontrei-o depois de não poucos exercicios aquáticos.

Era uma ilhasita muito pedregosa que não mediria mais que uns sete metros de largura, e alli dessellei o meu cavallo *Principe*, e ao mesmo tempo accendi um cigarro, humido, que me fez renegar andar por campos do Mexico e do meu pouco acerto na escolha do caminho.

Como não levava mantas, pareceram-me algo duras as pedras; não obstante dormi. E dormia menos mal quando fui despertado por alguma coisa que bulia e rabiava por cima de mim; ao accender um cigarro vi que tambem a minha ilhota tinha sido descoberta por uma porção de escorpiões e algumas serpentes, companhia esta que me obrigou a permanecer desperto e a accender phosphoros de vez emquando para que não tomassem demasiada confiança...

Ao amanhecer estava a corrente quasi secca e reatei a marcha chegando a casa do general á hora de almoço. Como não tinha que andar mais que uns trinta kilometros para chegar a Arispe onde tinha que parar antes de continuar a viagem para a mina, não deixei o lecto hospitaleiro do general senão depois do meio dia, e apoz um percurso por caminho bastante bom até poucos kilometros de Arispe, cheguei á bocca de um cañon ou desfiladeiro,

N'aquelle ponto offereciam-se-me dois caminhos: um, o mais curto, seguindo o desfiladeiro, outro mais aspero, pelos montes.

Se bem que tivesse chovido muito nos montes durante as ultimas duas horas e eu soubesse que a torrente que corria pela garganta crescia rapidamente, decidi seguir este caminho por estar secco ainda.

Com este proposito baixei do monte e entrei na garganta, que tem kilometro e meio de largura e é muito turtuosa. Os pendores são completamente perpendiculares e medem quinze a vinte metros de altura. Depois de ter percorrido uns duzentos metros notei que pouco avançava porque o pizo era de areia fina e os cascos da montada enterravam se. Dentro em pouco, comeci a experimentar um curioso presentimento do perigo eminente que aguentava a cada passo, até ao ponto de pensar em retroceder para tomar o caminho dos montes. O céu havia anuviado intensamente, e a garganta, que n'alguns sitios não tinha mais que seis metros de largura, estava quasi às escuras e só se via quando fulgurava algum relampago.

Já ia a dar meia volta, quando a meus ouvidos chegou um estranho rumor que logo conheci.

Era o ruido das torrentes da montanha ao precipitar da inundação! Comprehendendo que tinha a retirada cortada, dei de esporas, e *Principe*, que tambem parecia sentir o perigo que vinha em cima de nós, largou a galope e assim percorremos cem metros do terreno que se extendia em linha recta. Ao chegar, porém, á primeira curva, o ruido ameaçador da agua augmentou brusca-

mente. Voltei a cabeça quando o cavallo dobrava a curva e vi com horror que as aguas invadiam já o espaço de terreno que acabavamos de percorrer. A luz dos quasi continuos relampagos via uma massa negra de

aguas, de mais de trez metros de altura que se aproximava com tremenda rapidez produzindo um barulho que infundiria espanto ao animo mais sereno.



O protagonista da aventura no seu cavallo "Principe."



Uma massa negra d'aguas...



Concurso hippico — Apreciando o aspecto do Parque antes das corridas.

O meu cavallo portava-se maravilhosamente; corria como um ganso, salvando todos os obstáculos e tomando perfeitamente todas as voltas e recurvas da garganta.

Ao chegar outro lanço do caminho vi vir um mexicano montado n'um burro e gritei-lhe: Vem ahi o rio! Dá a volta!

E quando cheguei a par d'elle, já me tinha obedecido e vergastava o burro com uma cana de assucar. Não podia seguir-me, porém. As patas do burro enterravam-se na areia. Então gritei-lhe que se apeasse e corresse commigo, agarrando se a um estribo. O homem titubeou porque, como não tinha visto nem ouvido o avanço da agua, julgou que estava n'um corredor de pouco importante extensão, sobre tudo porque o ruído ensurdecedor da chuva apagava o imponente rumor da torrente que avançava.

Devia ter titubeado alguns segundos o mexicano, mas a

já sabia que além da nova curva da garganta, esta se alargava consideravelmente.

Continuamos avançando. As patas do meu cavallo ora se enterravam na areia movediça ora se afincavam em chão firme. Ao dobrar a ultima curva encontramos o terreno coberto de agua, uns centímetros de altura. Poucos passos além, a profundidade era de mais de um pé, e isto indicou-me que o rio Sonora tinha desbordado; e como a garganta por onde iam os vèrtes as suas aguas no dicto rio, a meio kilometro da embocadura, a agua que encontramos era do rio e quanto mais avançássemos, mais profunda seria.

Mas fosse como fosse, não tínhamos mais que fazer senão andar para deante. O meu amigo mexicano, porém, o guiava d'outra maneira, porque me gritou que largasse o cavallo e encaminhasse a um córte ou fenda da parede

## PORTO

### Concurso hippico

No campo de obstaculos de Besaa effectuou-se ultimamente um concurso hippico nacional que teve um exito brillantissimo para o que muito concorreu o enorme esforço do sr. D. Luiz Pizarra Portocarrero, illustre presidente da direcção.

A's provas, que foram interesantissimas, assistiu o sr. Lucio Nunes como delegado do ministerio da guerra.

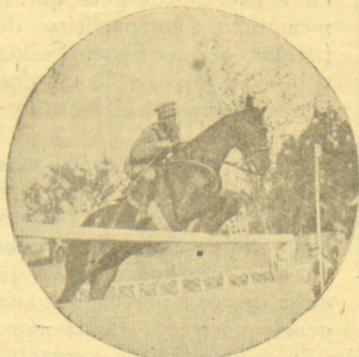
Durante as corridas locou a banda do Asylo Profissional do Terço.



Ao mesmo tempo que tomam gelados trocam impressões.

da garganta por onde poderia subir a uma altura: Eu, contudo, que não queria abandonar o meu *Principe* fiel e que duvidava das minhas habilidades trepadoras, rejeitei a proposta. O mexicano seguiu o seu plano e não mais tornei a vê-lo. Talvez escapasse com vida, mas duvidei muito.

A agua passava já os joelhos do cavallo



Concurso hippico — O sr. Pires de Campos vencendo um obstaculo.

*Principe* dava grandes saltos na agua que lhe chegava quasi á cilha, e ainda outras, nadava. Não sei como se arranhou o pobre animal, mas estavamos já fora da garganta quando chegou até mim o impetuoso impulso varredor das aguas com terrifico estrondo e me achei desmontado e, envolto por ellas, levado para o rio Sonora, durante momentos que pareceram seculos!

Por fim topei terreno secco, mas na margem opposta á que me convinha para caminho, e tinha que cruzar outra vez a perigosa corrente ou esperar que a agua descesse.

Estava pensando no milagre da minha salvacão e na sorte fatal que o meu cavallo tinha corrido, quando senti um ruido por entre a ramagem; esperando ainda que fosse elle, assobiei e, com effeito, era o *Principe* trotando e aparentemente tão contente de me ver como eu a elle...

Emquanto descansavamos para nos aventurarmos a transpôr o rio, vi fluctuando sobre as aguas o cadaver do burro que o mexicano montara, mas completamente destroçado. Esperei ainda umas duas horas receando que o Sonora continuasse crescendo. Por fim, porém, as aguas desceram e cruzado o seu curso, cheguei são e salvo a Arispe!

A «*Illustração Catholica*» publicará d'oravante, em todos os numeros, uma narrativa de aventuras emocionantes ou um conto escolhido.

quando dobramos a ultima e referida curva, e a massa d'agua que nos perseguia achava-se terrivelmente perto.

Realmente, nem sei como, percorri a ultima parte da garganta. Por vezes, o



O sr. Manuel Lantino n'um dos seus bellos saltos.

## PREVENÇÃO

O quadro de Gonella, publicado em o numero 261 da «*Illustração Catholica*» — A vestição religiosa do Santo Condestavel — está devidamente registado para os effeitos da reprodução, a qual pertence á Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Vasconcellos.

## AO LEITOR

Depois de lida enviar esta revista á: *Junta Patriotica do Norte*. (Paços do Concelho — Porto) a fim de esta a mandar para os nossos soldados do «front».

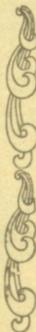


A *Illustração Catholica* querendo render uma justa homenagem aos soldados portuguezes, mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros nos campos de batalha de França e Africa vempor este meio rogar aos seus Ex.<sup>mas</sup> assignantes, collaboradores, correspondentes e leitores o obsequio de conseguir das familias d'estes heroes as suas fotografias para aqui serem publicadas em lugar proprio.

Restituem-se as fotografias apoz a sua publicação.

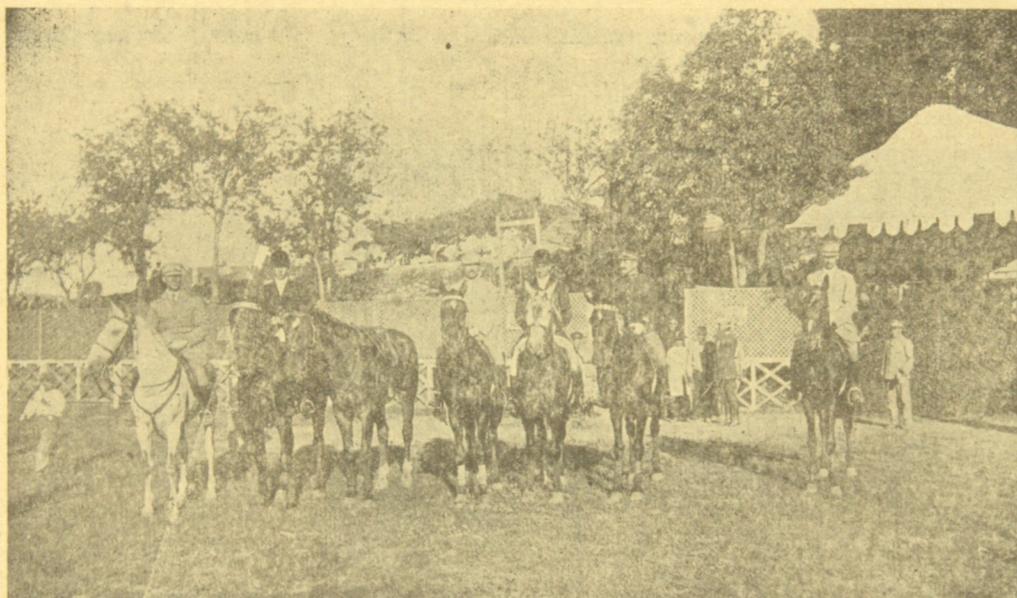


O sr. Villardeló vencedor da taça nacional.





*Concurso hyppico — Um aspecto do Parque.*



*Grupo de vencedores.*

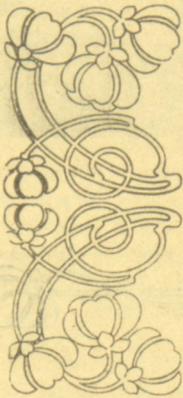
## BRAGA

### Operarios para Inglaterra

*Partiram ha dias para Inglaterra perto de 400 homens que vão, lá fóra, luctar pela vida quando cá no paiz se vae sentindo já bem dolorosamente a falta de braços. As gravuras mostram alguns aspectos tirados no Campo da Feira onde os operarios estiveram acampados até á occasião da partida.*



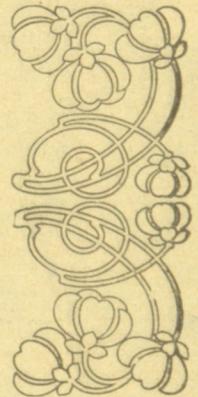
*Os operarios no Campo da Feira esperando a distribuição do jantar.*



*A improvisada cosinha, ao ar livre, onde eram feitas as refeições*



*Antes da partida distribuindo a ração para a viagem.*





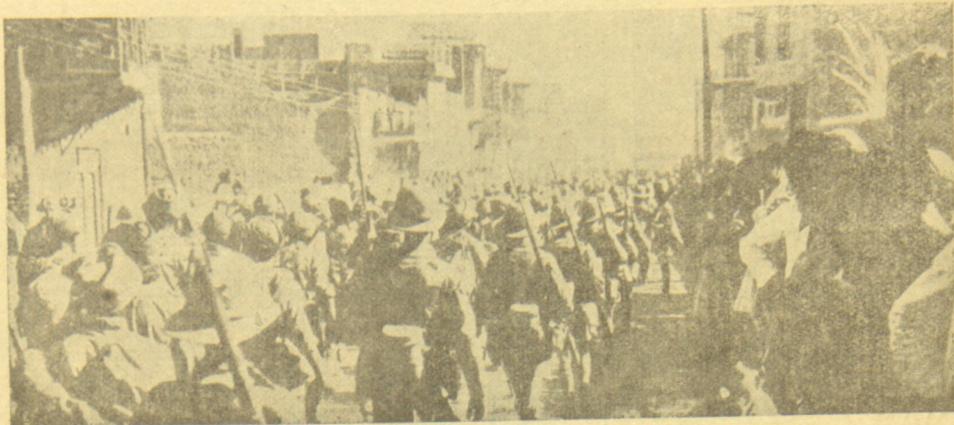
Mons. Ragonesi

Muncio de S. Santidade em Madrid e Arcebispo de Mira, chegado ultimamente a Lisboa, onde veio conferenciar com o sar. Presidente da Republica para o restamento das relações diplomaticas da Santa Sé e Portugal

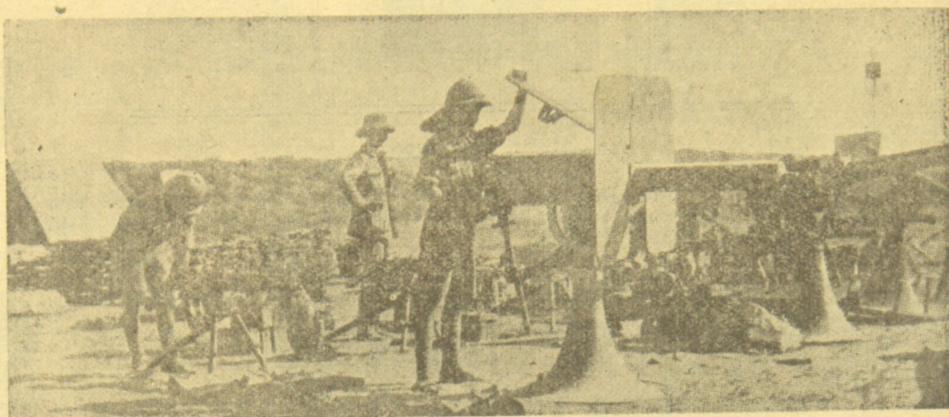
## GUERRA EUROPEIA



Tropas americanas desfilando deante dos reis de Inglaterra em Londres.



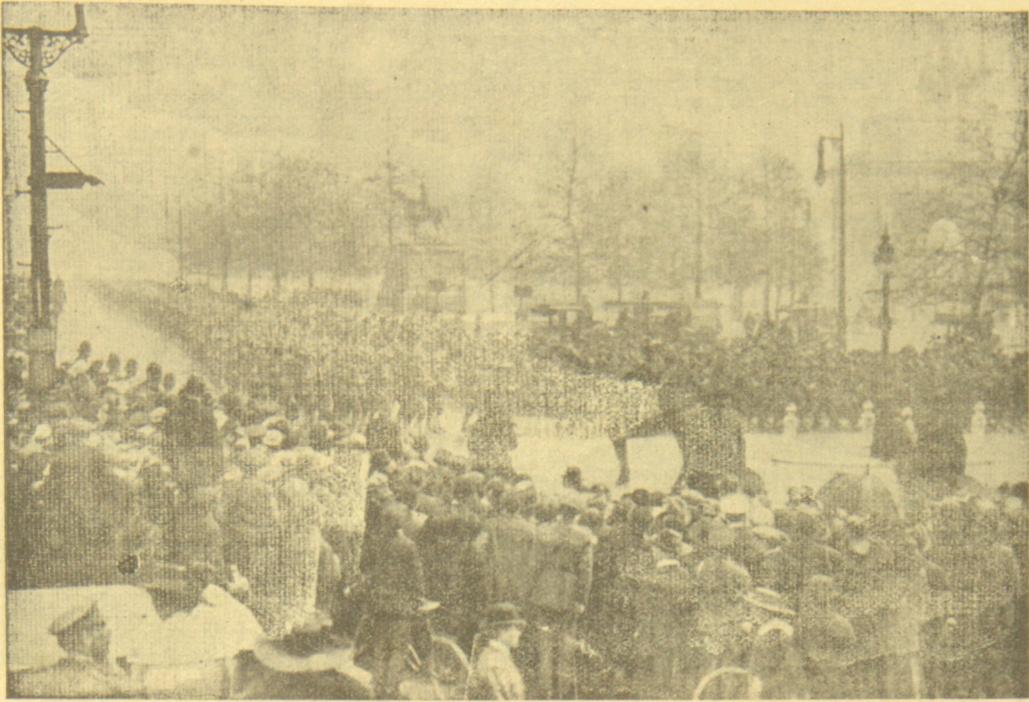
Uma columna de prisioneiros turcos passando em Bagdad.



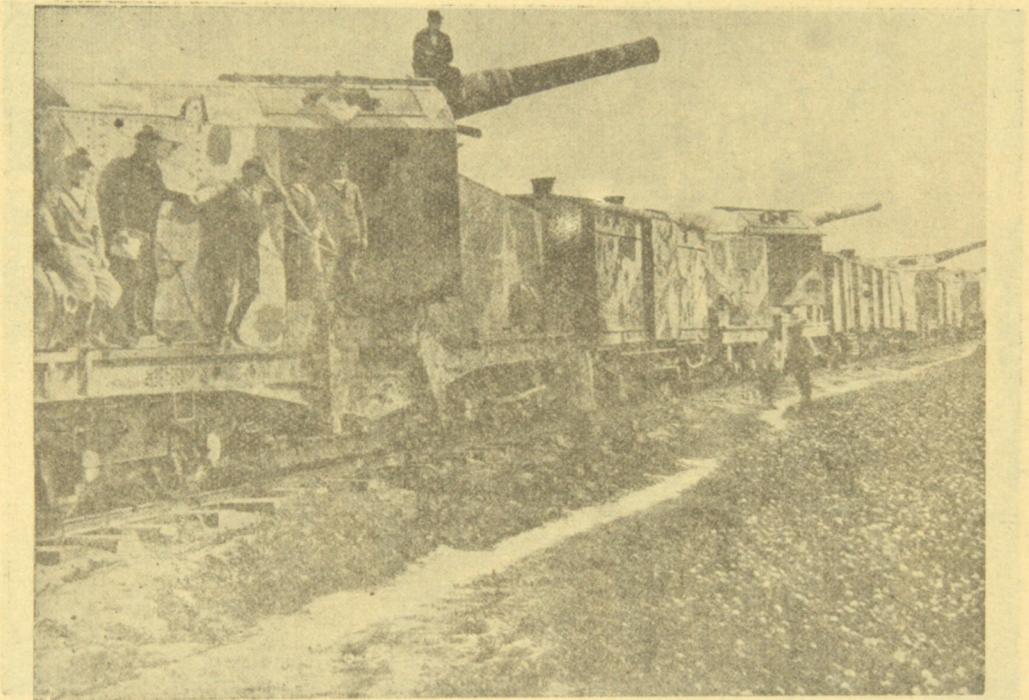
Um deposito de armamento inglez na Mesopotamia.



Um comboio de munições de artilharia para o exercito francez.



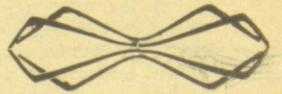
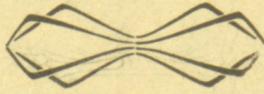
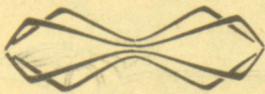
Tropas americanas, recentemente chegadas a Inglaterra, desfilando pelas ruas da capital.



Um comboio blindado com canhões de grosso calibre.



Uma povoação belga depois d'um bombardeamento feito pelos alemães.



O rei Jorge V. de Inglaterra e o embaixador francez fallando com alguns officiaes da embaixada inglesa.



## Em Vermoim

Foi hontem, A noite serena cahia.  
Que noite sem paz!  
Que noite d'horror,  
Calmosa e... tão fria!  
Effluvios apenas d'um vago liloz...  
Mysterios, murmurios de febre e de dôr;  
Suspiros, soluços, talvez nostalgia...

Como eu tinha a alma, esta pobre que chora  
Por uma utopia,  
Por uma fortuna,  
Bella ainda agora!  
Mas que solidão, santa Virgem Maria!  
Sem que nada venha e amavel reuna  
Ao poder que salva a miseria que implora.

E fui pelas trevas, ouvindo a desgraça  
De quem amo e ora,  
Como alma suspensa  
Que a Magua traspassa  
Nos braços da sombra e em anhelos de aurora...  
Fui sem uma estrella. Só uma, a da Creança,  
Me dava ao caminho os lampejos da Raça.

Bem vi estorcer-se, febril, lazarento,  
Cruzando uma praça,  
Um homem. Dispense-o  
Jesus, do tormento...  
Com elle, porém, a mulher tambem passo,  
Coberta d'horror e, coitada! convence-o  
A erguer os seus gritos para o firmamento.

Como esse homem soffre! Meu Deus, recompense-o  
Um celeste alento,  
Um divino amplexo;  
Se não, a dôr vence-o...  
E tinha a mulher, de cabellos ao vento,  
Lembrando um espectro sem fórmãs nem sexo,  
Uma rosa, um beijo, uma voz no silencio.

Mas, n'isto, eis a Quinta, a verdura ridente...  
Que jubilo! pense-o  
Quem viu o furor  
D'um mau combatente,  
Como succedeu ao bom Papa Innocencio,  
Sentindo Alarico um soberbo fragor.  
Incendio, uivo, ferro, em cachões de forrente.

Verdura festiva, com brilho tão puro,  
Tão resplandecente,  
Que as folhas branqueavam  
Todo o seu escuro,  
Amoravelmente, incomparavelmente...  
Emquanto nos ramos as aves trinavam,  
E a sombra lembrava o desenho d'um muro.

Salvé, Vermoim, minha Quinta do Sonho,  
Meu Sonho inseguro!  
Troncos, pedras, vultos,  
Phantasmas supponho...  
Que chão tão fecundo, granito tão duro!  
Ao longe, planaltos, relevos incultos,  
E mais longe ainda um pinheiro tristonho!

Um vento de brazas, veloz e silvante,  
Repunge medonho,  
A doce folhagem,  
O prado ondulante...  
Contudo, a esse vento é que eu todo me exponho,  
Beijando em espirito a grande paizagem,  
Tal qual um pygmeu que se entrega a um gigante.

O' vento implacavel, ó vento sem dó,  
O' vento cortante,  
Traze-me os echos  
Até d'esse pó...  
Da casa tranquilla, amavel, cantante,  
Da fonte que geme e refresca os mais seccos,  
N'um *duetto* de bicas em sifio tão só!

O santo Ancião anda aos pairos na Quinta,  
Triste como Job,  
A chamar o Filho,  
Saudade faminta!  
Morreu de paixão e n'um extasis... Oh!  
Que admira que paire, e com brilho,  
É que eu porque o amo, nas trevas o sinto?

Oiço quem responde ao seu sentimento...  
Bem se vê o brilho  
Com tantas pégadas  
De dôr e tormento...  
Uma alma chega e soluça — a do Filho,  
Procura a do Pae pelas noites cerradas,  
Ao pé d'esta fonte, chorando ao relento.

Encontram-se aqui, dolorosas amantes,  
Tendo o sentimento  
Por força e broquel,  
Como tinham d'anles...  
Sim, de mãos nas mãos, n'este mesmo momento,  
Permutam o fel e procuram o mel,  
Como dois proscriptos que vivem errantes.

E oiço-lhes a voz. A do Pae é a bica  
Que a doce água impelle  
Em tom d'oração...  
E a do Filho, é rica  
De dôr, nostalgia, tormento cruel...  
Dão ambas um tanque — um só coração...  
Murmurio que passa e, afinal, sempre fica!

José Agostinho.

# Anecdotas • históricas

## Ditos • e • pensamentos

Voltaire

Por attribuirem a Voltaire uma satyra contra a memoria de Luiz XIV foi o poeta encerrado na prisão da Bastilha, onde esteve um anno e onde retocou o seu *Edipo* e começou a *Henriada*. Quando recobrou a liberdade, o duque d'Orleans, então regente, mandou-o ir á sua presença e, concedendo-lhe uma pensão, disse-lhe:

—Portai-vos bem para o futuro e eu terei cuidado da vossa fortuna.

—Senhor, responde o poeta, eu agradeço a vossa alteza de ter querido encarregar-se do meu sustento. mas rogo-lhe que não queira encarregar-se mais da minha habitação.

### O monge Theodorico

O monge de Cister, Theodorico, era um varão honrado e serviu Carlos V com a maior probidade. Os invejosos accuzaram-no ao imperador de lapidador da fazenda real, e Carlos V, para os confundir, chamou Theodorico a prestar contas na presença dos seus calumniadores. O monge disse serenamente:

—Para que são mais contas?! Em uma só palavra posso dar razão de tudo: não trago comigo mais que este habito e no bolso uns miudos que me deram de esmola para umas missas.

Então o imperador disse aos cortezãos:

—Qual de vós outros se atreve a dar-me conta do seu officio tão breve e claramente?

Todos se calaram.

### D. Francisco d'Almeida

O celebre D. Francisco d'Almeida, tão conhecido pelos seus bons ditos, escrevendo um dia uma carta a um sujeito que era cego, poz-lhe no subscrito:

Ao senhor diante de quem,  
Se não sôa,  
Não ha cousa má nem bôa.

De outra vez encontrando certa senhora, muito magra, com um vestido de seda verde, perguntou-lhe se a côr do vestido fôra invenção sua.

—Sim, senhor, gosto muito do verde.

—Então teremos esperanças de a vêr mais gorda...

E despediu-se com uma larga cortezia.

Mela - lua

Tendo-se uma noite aproximado Filipe, rei da Macedonia, com as suas tropas, dos muros da antiga Bysancio (hoje Constantinopla) com o designio de a tomar, a lua, então no quarto crescente, desanuviou-se e mostrou aos sitiados a presença do inimigo. Correram logo aos muros e repelliram o ataque. Em memoria d'este acontecimento tomaram os bysantinos uma meia-lua para emblema ou armas da sua cidade, as quaes lhe foram conservadas pelo imperador Constantino, quando a reedificou e lhe deu o seu nome. Quando em 1453, Mahomet II se apoderou de Constantinopla, encontrando o emblema da meia-lua pintado em todos os edificios publicos, julgou ser algum sinal milagroso e, ou por politica ou por distintivo da sua victoria, o mandou pôr em seus estandartes. Seus successores o adoptaram, e assim veio o crescente, ou meia-lua, a ser o emblema do imperio turco.

### EM CINTRA



—D'aqui para cima nem os burros podem passar...

—Então não experimentes, Jorge!...

# LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29      Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

**Casa fundada em 1888**

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.  
EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.  
EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.  
EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*  
Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

## Vago

*Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grêves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

# SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião  
19-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:  
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotto  
o Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoas  
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

**Manuel da Conceição Roeha**  
Largo do Barão de S. Martinho — BRAGA.

## Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.  
Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

**Aurelio Monteiro & C.ª**

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa  
Numero avulso 300 rs. (moeda brasileira)

# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

*Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.º Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**